

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

COMO É SER NEGRO NA UNIVERSIDADE? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UM PROJETO DE EXTENSÃO.

Sessão temática: Questão Social e questão étnico-racial

Tainá Souza Caitete, (UERJ) ¹

taina.con@gmail.com

Lavínia Messias Alves, (UERJ)²

lavmessias@gmail.com

Alicia Martins de Carvalho, (UERJ)³

aliciamartins2011@gmail.com

Lavínia Abreu Pires, (UERJ)⁴

laviniapires.uerj@gmail.com

Kerolyn Victoria Alves Martins da Silva, (UERJ)⁵

kelvictoria@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência a partir do projeto de extensão “Questão Social em Foto” no desenvolvimento do projeto fotográfico “O que é ser negro na Universidade: histórias que a História não conta”, em referência ao Novembro Negro promovido pela Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com estudantes, docentes e técnicos do curso.

PALAVRAS-CHAVE: Questão Social. Fotografia. Relações étnico-raciais. Serviço Social.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.

Este trabalho busca apresentar de forma sucinta algumas das reflexões obtidas até o momento com o projeto fotográfico “O que é ser negro na universidade: histórias que a História não conta”, que iniciou em novembro de 2022, em referência a proposta feita pelo Grupo de Trabalho (posteriormente tornado projeto de extensão), Favela do Esqueleto, vinculado à Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FSS/UERJ), que promoveu uma agenda de atividades em comemoração ao Novembro Negro para a Universidade.



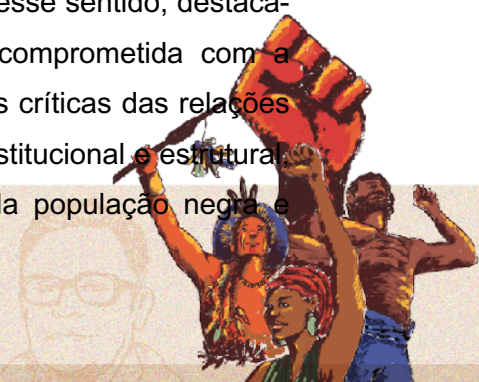
I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

Deste modo, este trabalho propõem-se ser um relato de experiência, ancorada em análises bibliográficas a partir da atividade proposta pelo projeto fotográfico que se iniciou em 2022. A seguir, apresentaremos brevemente o pioneirismo na política de cotas na UERJ, bem como a construção do GT Favela do Esqueleto e do projeto de extensão “Questão Social em Foto” e a partir daí a construção do Novembro Negro da FSS/UERJ, em especial do projeto fotográfico “O que é ser negro na Universidade: histórias que a História não conta”, e algumas reflexões possibilitadas por esta atividade articulada a uma formação que se pretende ser antirracista.

RESULTADOS.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi pioneira na adoção de políticas de ação afirmativa no ensino superior ao implementar, em 2003, um sistema de cotas para negros, estudantes de escolas públicas e pessoas com deficiência, antes da legislação federal. Apesar das críticas e resistências, a política foi consolidada com a Lei Estadual nº 4.151/2003, que incorporou critérios de renda e ampliou o acesso. Para garantir a permanência dos cotistas, a UERJ criou o Programa de Iniciação Acadêmica (Proiniciar), oferecendo bolsas e apoio pedagógico, fundamentais diante das desigualdades enfrentadas pelos novos ingressantes. No entanto, a permanência na universidade continuou desafiadora, marcada por barreiras econômicas, racismo estrutural e acúmulo de funções. A pesquisa de Barros (2019) com egressos da Faculdade de Serviço Social mostra que, apesar do diploma ampliar oportunidades, a inserção profissional ocorreu, majoritariamente, em contextos precarizados, sem alterar de forma significativa a condição de classe desses sujeitos. Assim, a experiência da UERJ demonstra que políticas de ação afirmativa são fundamentais para democratizar o acesso ao ensino superior, mas devem ser acompanhadas por políticas consistentes de permanência e inclusão no mundo do trabalho. A universidade, nesse contexto, assume um papel estratégico na construção de um projeto social comprometido com a justiça racial e social.

A Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) reconhece o racismo como um fenômeno estruturante da sociedade brasileira. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de que a formação em Serviço Social esteja comprometida com a implementação de um currículo antirracista, fundamentado em leituras críticas das relações sociais. Tal currículo deve abordar as transversalidades do racismo institucional e estrutural, os movimentos sociais negros e indígenas, bem como a história da população negra e



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

indígena no Brasil. Diversas universidades têm se mobilizado em prol da renovação curricular, incorporando uma perspectiva interseccional que compreenda as complexidades das relações raciais e que se articule aos princípios dos direitos humanos e da equidade social, conforme preconizado pelo Projeto Ético-Político da profissão. A ABEPSS também estimula a valorização de atividades complementares à formação acadêmica, como grupos de trabalho, projetos de extensão e o desenvolvimento de pesquisas que tematizem questões raciais e antirracistas. Tais iniciativas são fundamentais para o fortalecimento do debate étnico-racial nas instituições de ensino superior, contribuindo para a construção de uma formação crítica e comprometida com a transformação social.

É sempre importante ressaltar que se observa uma crescente diversidade racial no perfil dos assistentes sociais brasileiros. Segundo o último censo do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), divulgado em 2022, 23.214 profissionais se autodeclararam como pertencentes a categorias não brancas, sendo 16.615 pardas, 5.640 pretas, 819 amarelas e 140 indígenas — o que representa mais de 50% do total da amostra. Esses dados revelam a importância da presença de profissionais racialmente diversos no fortalecimento de uma atuação comprometida com a justiça racial. Tal diversidade contribui para a superação de paradigmas eurocêntricos na profissão e fortalece a representatividade necessária à formulação de políticas públicas sensíveis às especificidades étnico-raciais da população brasileira.

Nesse tocante, destaca-se a criação, em 2022, do Grupo de Trabalho (GT) Favela do Esqueleto, vinculado à FSS/UERJ. O grupo tem como objetivo promover debates coletivos sobre o enfrentamento das múltiplas opressões presentes no cotidiano acadêmico e social, articulando ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo que objetiva assessorar a instituição e movimentos sociais, estudantis e sindicais na construção de um ambiente não violento e preconceituoso, atirracista, anticapacitista, antietarista, antilgbtqiapn+fóbico e antimachista a partir de uma nova cultura pedagógica e institucional. Atualmente, o GT reúne 35 integrantes, entre estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e membros da direção da unidade.

O nome do GT remete à memória da ocupação urbana conhecida como Favela do Esqueleto, removida na década de 1970 durante o regime militar, em um processo de “higienização” urbana. A memória da Favela do Esqueleto ressurge como um marco simbólico da resistência popular e da disputa por espaços de dignidade. No local da antiga ocupação,



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

foi construído, em 1976, o campus Francisco Negrão de Lima, atual sede da UERJ no Maracanã. Como uma das atividades propostas pelo GT tem-se a construção do I Novembro Negro da FSS/UERJ que ocorreu em 2022. No qual estudantes, docentes e técnicos foram convidados a propor atividades para este mês que relembra e celebra a memória de Zumbi dos Palmares e a luta histórica do povo negro na Formação social brasileira. Sendo assim, o projeto de extensão “Questão Social em Foto”, criado em 2018, articula-se ao projeto de Prodência “Questão social em questão”, e propõe como atividade o projeto fotográfico: “O que é ser negro na universidade: histórias que a História não conta”, com estudantes, docentes e técnicos negros da FSS/UERJ, que buscou pensar o lugar da imagem, em especial, a imagem fotográfica, enquanto construção de memórias, de registro de parte dessa história. Nos dois primeiros anos, 2022 e 2023 embora atividade estivesse aberta para a participação de todos, a participação majoritária foi de estudantes, já em 2024 as atividades foram mais voltadas para docentes e técnicos, com a captura de imagens, para produção fotográfica e de vídeo. A partir daí também foi construída uma exposição fotográfica com algumas fotos selecionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Estar na universidade enquanto pessoa negra configura-se como um ato cotidiano de resistência. A participação na organização do I Novembro Negro da Faculdade de Serviço Social da UERJ, no âmbito do projeto de extensão *Questão Social em Foto*, constituiu uma experiência marcante no campo da ação acadêmica e política. Por meio de um ensaio fotográfico com estudantes, docente e técnicos negros, foi possível vivenciar uma expressão que extrapolou o campo estético: os registros revelaram, nos olhares dos fotografados, a emoção de se perceberem vistos, reconhecidos e representados em um espaço historicamente marcado pela invisibilização desses corpos.

Neusa Santos Souza (1983) afirma que “não é natural tornar-se negro. É um processo construído na tensão entre o que o negro pensa de si e o que o outro vê nele”. Sob essa perspectiva, a imagem assumiu o papel de ferramenta política, atuando como instrumento de afirmação de uma identidade, sem se confundir com qualquer identitarismo e de reconstrução de subjetividades historicamente silenciadas. Embora pública, a universidade ainda é atravessada por estruturas racistas e excludentes. A maior parte dos estudantes negros é oriunda das periferias, enfrenta dificuldades com transporte, alimentação e precisa conciliar estudo com trabalho, sendo exigido que alcance o mesmo rendimento acadêmico daqueles



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

que vivenciam condições mais privilegiadas. Ao passo que a entrada na universidade pública enquanto trabalhadores via concurso com cotas docentes, por exemplo, é muito limitada devido às dificuldades impostas por uma burocracia racista.

Nesse contexto, a presença de docentes negros e de produções acadêmicas que representem a diversidade racial torna-se essencial para o sentimento de pertencimento. Djamila Ribeiro (2017) observa que “falar de lugar de fala é reconhecer que diferentes marcadores sociais impactam a forma como cada um vivencia o mundo”. A ocupação dos espaços universitários por corpos, vozes e imagens negras configura uma reivindicação legítima por reconhecimento e participação na produção de conhecimento. A escassa presença de professores negros impacta diretamente no conteúdo programático e nas perspectivas adotadas, que frequentemente permanecem centradas em uma visão brancocêntrica, distante das vivências da população negra. Conforme argumenta Kabengele Munanga (1999), “a negação da diferença é uma forma sutil de dominação”. Nesse sentido, torna-se urgente ampliar a presença de vozes negras na docência, na pesquisa e nas ações extensionistas. Iniciativas como o Novembro Negro da FSS/UERJ são fundamentais para resgatar narrativas invisibilizadas pela historiografia oficial, criando espaços de escuta, afeto, resistência e transformação. Ser negro na universidade é, além de lutar por permanência, atuar na construção de uma formação verdadeiramente antirracista.

Referências

BARROS, Clarissa F. do Rêgo. Universidade e mercado de trabalho: a trajetória social dos alunos cotistas egressos da Faculdade de Serviço Social da UERJ. *Em Pauta: Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 43, p. 172-186, 1º sem. 2019. DOI: 10.12957/rep.2019.42538.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). Perfil de assistentes sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional. Brasília: CFESS, 2022.

SANTOS, Neusa S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; São Paulo: Justificando, 2017.

